Compra
Numero 2

-4. SET. 20..8

A REVOLTA

DIRECTOR E EDITOR

GUILHERME LYRA

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

ADVERTENCIA: Aconteceu que nalgumas terras do paiz o primeiro numero desta publicação foi vendido por preços exorbitantes. Aqui se declara que o seu preço legal é o estabelecido na capa. Qualquer centavo a mais deve ser considerado como uma exploração ilegitima do revendedor.

Preço: 10 centavos cada exemplar

A REVOLTA

DIRECTOR: BRUTON

GUILLERMO LAYA

Numero 2

A Revolta

DIRECTOR E EDITOR

GUILHERME LYRA

ADVERTENCIA: Aconteceu que nalgumas terras do paiz o primeiro numero desta publicação foi vendido por preços exorbitantes. Aqui se declara que o seu preço legal é o estabelecido na capa. Qualquer centavo a mais deve ser considerado como uma exploração ilegitima do revendedor.

Preço: 10 centavos cada exemplar

QUADRILHA NÈGRA

Tu és a força! Nota: ha forças e forças. Ha a força Pasteur: chama-se inteligencia, altruismo. Ha a força Huss: chama-se Liberdade. Ha a força Jesus: chama-se Justiça. Ha mil esplendores a citar-te neste sistema planetario de genios; deles emana o calor, a luz e a vida deste universo inteligente e pensador.

Ha a força Loiola: chama-se crime. Ha a força Meternich: chama-se ignominia. Ha a força Tiberio: é a monstruosidade. Ha mil casos a citar-te neste pantano de abjecções.

Nesta cloaca, naquele solo, desenrolam-se misterios profundos, combinações sublimes, imprescrutaveis.

O progresso lembra uma arvore: tem por cima o sol, o céu azul; e as raizes mergulham no fermento complicado das podridões, que agora se fazem seiva e logo flores perfumadas que fecundam e dão á luz um fruto.

A peste faz-se aroma: primeiro envenena, depois encanta. O divino segredo desta transfiguração do miasma em nectar, do lodo em nenufar, lodo que o sapo engeita, nenufar que seduz a abelha, é o segredo da civilisação eterna e infinita.

O relampago sai de duas nuvens que se chocam na imensidade. A civilisação irrompe do contacto do monstro e do genio.

Tu... és a força! Nota: uma força discutivel! uma força criminosa e hipocrita.

Escavaste nas imprevidencias da Republica e encontraste a ignorancia, o clericalismo, o monarquismo e o germanofilo, esta herança dum passado de crime, esta culpa remota da sociedade.

A alma republicana sabia desta existencia daninha e cruzou os braços, totalmente absorvida numa tarefa, esperando que a sua lialdade, o tempo e um esforço posterior aplacassem esse refluxo da onda, este mal enorme.

A Republica foi imprevidente; é perdoavel. Atenuante: a boa-fé.

A provação é bem cruel para que se julgue o erro numa hora de angustia sem par. Curvemo-nos!...

Tu, abominavel perjuro e matematico ordinario, serves-te destes resi-

duos adstritos a todos os abalos evolutivos para levares a efeito um repugnante crime de traição, sem originalidade e sem arrojo.

Bonot foi grande no crime. Napoleão Pequeno foi um criador; teve, ao menos, esta qualidade.

Reparo, agora, que te chamei um *matematico ordinario*...

Ninguem acredita que o sejas. E eu sei que é verdade.

Que importa que regras preestabelecidas ha mil anos te habilitem á determinação duma incognita algebrica? Que importam esses calculos pedantes, raizes, potencias, equações, assintotas, infinitessimais? Que importa?... se eu vejo ante ti um problema formidavel, e te vejo embaraçado e cego por uma incognita colossal, como se fosses o atomo, o nada?

O valor dessa incognita eu dou-to já: varia entre dois limites: *Revolução: Perda da Patria:*—chama-se *Republica Socialista!*

Ouve: tu és a força do momento, pois não tarda que as espingardas que chamas tuas se voltem contra ti.

Eu... quem sou? Alto! O teu Pi... na Manique e as suas *moscas* prender-me iam. Alto! A mordaça suplicia todas as bôcas honestas.

Eu... sou um filho da Republica que te jurou combate; sou um filho do povo; sou uma boca desta multidão; sou um coração que o destino colocou no mundo para lutar, para sentir a Patria, para a defender de miseraveis da tua laia!

—Porque é que eu sinto? porque é que assaltas?

—Misterio!

Previ um rebate de consciencia no fundo da tua hediondez.

Imaginei um suicidio após as acusações irrefutaveis de Alexandre Braga!

Imaginei que o fantasma da traição — ouves? — (*temei os fantasmas!*) armaria o teu braço para um acto de auto-justiça.

Engano!

Li que teu pai morreu doido! (E' o teu crime que me arrasta aos sepulcros!); que tua mãe esteve doida durante tres anos! (é o teu crime que me dá coragem!); que teu irmão morreu, ha dias, no Conde Ferreira! (sepulcros ainda!); que tua irmã morreu doida (sepulcros!); que tens um irmão cleptomano! que teus filhos apresentam sintomas de imbecilidade!

Distingamos: não infamo! investigo! E' diferente. O meu alvo és tu e não os mortos e doentes inofensivos. Vi a tua fotografia. Lombroso assaltou-me a razão. Porquê? Ha linhas misteriosas na degenerescencia.

E estremeci! Pobre Portugal! nas mãos dum doido varrido, sem méritos nem senso moral!

Depois vi a noticia do *Corpo da Guarda*. E tirei deduções dolorosas, lancinantes.

Corpo da Guarda?! Horror!

Tem-se considerado este *Corpo da Guarda* como uma excentricidade de megalomano, como uma imbecilidade tecnica.

Escolhido a um-por-um, com uma crueldade calculada, entre os mais acirrados inimigos da Republica, esse *Corpo da Guarda* é a *Quadrilha Negra* atirada como uma afronta á nação livre, á nação honrada.

Que a Republica Franceza criasse a *Guarda Nacional*, entende-se! Essas espadas que se desembainhavam e flamejavam em defeza da Liberdade ameaçada e do Direito nascente, temperavam-se no seio da Patria e eram brandidas pelo *anjo das batalhas.*

Esta *Quadrilha Negra* é o assassinio premeditado por um bandido-doido que faz o crime para suscitar revoltas e tem um punhal oculto na manga para abafar o protesto da honra e dos egregios sentimentos da Patria e da Republica.

No alto comando desta horda ha o contubernio indecente do germanofilo, do monarquico e do padre, tres cobardias embriagadas pelo mesmo vinho.

Um chuveiro d'oiro alemão burrifa este horisonte.

Dias tragicos á vista! A nau singra a todo o pano na treva que dia-a-dia se vai tornando mais espessa e terrivel.

Um doido de *fim.de-Patria* vai ao leme!

Bruma! Bruma!

A nova psicologia que a eloquencia dos canhões acordou na alma do nosso soldado—diz um ilustre jornalista a quem exponho um plano—*olha esta patria longinqua e prostituida, com uma dôr israelita.*

—Que ha por lá?

—Por cá?—a Miseria! o Crime! o Charco!!

A's armas, povo! A's armas! Vibra os teus clarins revolucionarios e ergue barricadas potentes! A Republica e a Patria teem um nó corredio na garganta e um bacamarte de sicario abocado ao peito.

Este bacamarte tem uma carga horrivel: a *Quadrilha Negra!*

Guilherme Lyra surgirá na brecha. A's armas!

Antes o incendio da Patria que a desonra.

Rua, bandidos! Rua!

E' a alma da Patria a gritar pela boca dum filho do povo!

Rua! assassinos dum paiz!! Rua, vendilhões infames!

REVOLTANTE

Neste momento todos os homens que pensam prevêem as consequencias da insensatez truculenta que pesa sobre o paiz. As incoerencias mais dislatadas sucedem-se, e os sintomas do delirio agravam-se. Debalde se pergunta para onde nos arrasta essa audacia desnorteada que assaltou o poder, de surpreza, sem plano, sem abnegação e sem patriotismo. Depois de tres longos mezes de ditadura féra, pergunta-se:—Que fez essa conjura de aventureiros que se dizia enviada para restaurar o respeito á legalidade, corrigir desmandos de administração, acabar com todas as violencias da tirania dos democraticos, defender as liberdades publicas e os direitos dos cidadãos?!

O que fez foi dissolver o parlamento, arvorar-se em ditadura absoluta e cometer os mais negros atentados de perversidade e despotismo!

Na estreiteza da sua mediocridade rancorosa, inflamados em desvairamentos de odios e de vinganças, em impetos epilepticos de sanha e perseguição, amordaçaram a imprensa; suprimiram jornais; toleraram assaltos de roubo e destruição aos domicilios dos adversarios politicos; encheram os calabouços de cidadãos incomunicaveis e sem culpa formada; e deportaram para a Africa, nos porões, como rezes, levas de gente, alcunhada de *vadios!*

Póde tolerar-se esta anarquia facinorosa, que, na alucinação da sua ferocidade, perdeu todos os escrupulos de justiça e austeridade moral? que, pelo desaforado desplante de ambições incompreensiveis, pretende pôr o joelho no peito da nação e asfixiar-lhe as energias, com as gargalheiras dum despotismo bronco?

Todas as tiranias infundem temor. Esta tem o cunho burlesco de brigões tresloucados, e, por isso mesmo, mais temiveis, pela insensibilidade da malvadez desesperada e impotente. Os desbragamentos da intriga, as purulencias da vileza que afirmavam que certo estadista democratico tinha depositados dois mil contos, roubados á nação, nos bancos de França, caíram como calunias ignobeis de difamação repugnante e proterva!

Mas, não é dificil presagiar o termo desta tragi-comedia que não poderá estar longe. A impudencia da mentira pouco dura. Eles já se esfaqueiam, mutuamente, em rixas de cumplices!

As providencias de alimentação publica não chegam. E, quando o trabalho cessar nas oficinas, por falta de combustivel e material de importação, e o desespero da fome avançar, rugindo coleras justificadas, então veremos se as bravatas da Rotunda e as espingardas das tropas bandeadas, que não querem ir para a guerra, serão suficientes para taparem a boca e abafarem a voz dos esfaimados!

A. G.

O PLEBISCITO

"O assassinato duma nação é impossivel.
O Direito é o astro; ele eclipa-se, mas reaparece.
Os povos vivem e os despotas morrem; é a lei do alto.„

V. Hugo.

Subjuga-me a necessidade espiritual de provar aos tiranos a impossibilidade de forjarem-se gradeamentos para uma consciencia.

O cerebro é uma coisa muito curiosa: os ferros, as muralhas, os cordões das sentinelas, o proprio tumulo, não impedem que os pensamentos aflorem e vão ferir em pleno peito o negro fantasma da opressão e os diversos espantalhos do crime.

A explosão nasce da pressão.

Nenhum homem de Estado, por mais apoucado que seja, ignora os efeitos contraproducentes da violencia.

No meu passeio matinal pela *Avenida das Tilias*, pomposa denominação dada pelos reclusos do *Limoeiro* a um corredor serviente dos quartos de dormir, eu li um esplendido artigo de V. Hugo, inserto no seu livro *Pendant l'Exil*, artigo de verdadeira actualidade, que constitue a resposta a uma pergunta que lhe foi dirigida pela França sobre qual deveria ser a réplica nacional ao plebiscito de Napoleão Pequeno.

Havia, tambem, então, uma patria em perigo. Sobre este perigo pontificou um dos mais luminosos talentos do mundo. A historia repercute-se na evolução dos povos. E' oportuno levar ao conhecimento de todo o paiz a sublime atitude da mais alta consciencia franceza perante o maior dos crimes da ambição politica dum monstro.

. . . . . .

—Que deve a França responder ao plebiscito de Napoleão?

—Não!

Eis uma palavra que diz tudo; a ideia que contém daria um livro.

Ha quasi dezanove anos que esta resposta se ergue ante o imperio.

Essa esfinge obscura sente que é esta a palavra do seu enigma.

A tudo o que o Imperio é, quer, sonha, crê, póde e faz *Não* basta.

Newton calculou que um cometa leva cem mil anos a esfriar; certos crimes enormes levam mais tempo ainda.

A via de facto hoje reinante perde o seu tempo.

Essa via de facto crê ter o direito de reinar. Ela não tem esse direito.

E' estranho, um plebiscito. E' o golpe de Estado que se faz pedaço de papel. Depois da metralha o escrutinio. Ao canhão sucede a urna.

Povo: vota que não existes. E o povo vota. O Senhor conta os votos. Ele possue tudo aquilo que tem desejado; e acaba de meter o povo na sua algibeira. Sómente ainda não notou que o que julgou ter sequestrado não póde sequestrar-se. A nação é uma coisa que não abdica.

—Porquê? — porque se renova.

O voto recomeça. Coagir uma nação a alienar parte da sua soberania; extrair o minuto á hereditariedade; dar ao sufragio universal, limitado a exprimir o presente, a ordem de exprimir o futuro, eis o que não está em si. E' como se se ordenasse a A'manhan que se chamasse Hoje.

Mas que importa? Votou-se. E o senhor toma isto por um consentimento. O povo não existe. Isto faz rir os inglezes. Suportar o golpe de Estado! Suportar o plebiscito! Como é que um paiz póde aceitar esta humilhação! A Inglaterra tem, neste momento, o prazer de desprezar um pouco a França. Desprezai então o Oceano. Xerxes fustigou-o.

Convida-se-nos a votar sobre isto: o aperfeiçoamento dum crime. O Imperio, após dezanove anos de exercicio, crê-se tentador e oferece-nos os seus progressos, o golpe de Estado adaptado ao ponto de vista democratico, a noite de Dezembro ajustada á inviolabilidade parlamentar, a tribuna livre encaixada em Cayenna, Mazá modificado no sentido da libertação, a violação, emfim, de todos os direitos, disfarçada em governo liberal.

Pois bem: *Não!*

Nós somos ingratos. Nós, os cidadãos da Republica assassinada; nós, os justiceiros pensativos, observamos, com intima alegria, o enfraquecimento da autoridade propria á velhice duma traição.

Nós esperamos.

E, esperando ante o mecanismo chamado plebiscito, nós alteamos os ombros.

A' Europa sem desarmamento; á França sem influencia; á Russia sem freio; á Espanha sem ponto de apoio; á Grecia sem Creta; á Italia sem Roma, a Roma sem romanos; á democracia sem povo; nós dizemos: — *Não!*

A' liberdade envenenada pelo despotismo; á prosperidade derivando duma catastrofe; á justiça feita ao nome dum acusado; á magistratura marcada pelas letras L. N. B.; a 89 visado pelo imperio; ao 14 de julho completado pelo *2 de Dezembro;* á lialdade jurada pelo falso juramento; ao progresso decretado pelo retrocesso; á solidez prometida pela ruina; á luz outorgada pelas trevas; á escopeta que está atraz do mendigo; ao rosto que está atraz da mascara; ao espectro que está atraz do sorriso; nós dizemos: *Não!*

De resto, se o autor do golpe de Estado tem necessidade absoluta de fazer-nos uma consulta, nós não lhe reconhecemos senão o direito de fazermos esta:

—Devo eu deixar o Paço e aguardar, nas prisões, a decisão da justiça?—

—Sim!» *Napoleão.*

.....

F. C. A.

TRAGEDIA VIVA

A petizada dorme. Estou finalmente só. E' belo! — dois anjos a sono solto no meio duma fornalha, no pendor dum abismo!

1580 é uma gota de tinta ao pé desta nuvem sinistra. Miguel de Vasconcelos tem um só crime: traição á Patria. E' hediondo? E infame? E'! Mas, que apóstrofe póde aí vibrar a alma humana, que grito de repulsa e vergonha, que palidez austera, que gesto descarnado — ó homens! — para verberar o monstro que traiu a Patria, que traiu uma instituição progressiva, uma Republica nascente! que arrasta, humilhada e quasi morta, á vista desse mundo assombrado, como um falsario vulgar, ré de malandrices diplomaticas, de bandeamentos canalhas, de perfidias sem nome, da mais requintada *fé punica!*

Passa um destacamento na sombra. O Bandido de Dezembro torceu aquelas espingardas e fez gazuas.

Os soldados gregos, saindo dos tablados onde se representavam as tragedias de Eschilo, batiam com os côtos das lanças nos escudos dependurados ás portas dos templos e rugiam: Patria! Patria!!

Aqui representou-se a tragedia de Dezembro, tragedia negra e pungente, e os soldados passam a esta hora noturna.

A caminho da França? Oh! Não! A caminho dum *crime!*

Sigo-vos na noite, ó soldados! Adivinho as ordens secretas do vosso comandante. E não tremo. Choro! Sou soldado da pena. «*As lagrimas dum soldado não são medo: são coragem.*»

A silhueta augusta da Patria, no seu brilho diafano de oiro e céu, erguese na espuma ascorosa desse rasto nefando, com uma lança cravada nos peitos, e eu vejo, distintamente, os vossos labios tisnados pelos ventos marinhos e pelas rajadas frias da montanha, a humedecerem-se numa taça misteriosa oferecida por um braço tremente. A Ideia oferece um filtro por alta noite. Bebei!! Espingardas vingadoras surgirão de todos os recantos e sangue inocente virá tingir este charco imundo para que nenhum povo vomite a sua repulsa ao contemplar a degradação do nosso desgraçado paiz! O triunfo do crime é momentaneo.

Fados de tropegos e apaixonados boemios ecoam ao longe. O meu espirito é atravessado por imagens doentias: a Patria num esquife, uma guitarra colossal e a vida do Hilario, um simbolo da raça, esvaindo nas requintas arripiadas por brisas que choram saudades das antigas velas do Tejo, lindas galeras do sonho, pinheiros das nossas montanhas transformados em aves do oceano imenso, em vagabundos plangentes dos mares das trevas.

Ha quem cante nesta hora amarga, ó brisas! As tuas naus eleitas dissiparam-se na voragem de quatro seculos de inepcia e crime; as que havia —tão poucas!—essas... erram por esses mares, como lividos fantasmas da noite, aliviando pesadelos na sombra, as silhuetas cambaleantes de presidios que flutuam no esfuminho da bruma. Esses navios fantasmas levam, algemados, nos porões, os bravos marinheiros que, no funebre mez de Dezembro, tiveram a audacia de afirmar, mais uma vez, a sua fé republicana e o seu amor á Patria.

Batalhar pelo Direito foi seu crime. Tombaram, em farrapos, esbandalhados pela metralha criminosa dos salteadores, mas caíram no posto marcado pela honra e pela fidelidade jurada a uma Lei, com a *Portugueza* nos labios e com os olhos embevecidos na bandeira. Os sobreviventes foram amarrados a um pelourinho de vergonha, foram arrastados pela estrada pungente da humilhação, foram enxovalhados pela arrogancia pangaia dum bandido bem sucedido numa aventura tragica!

Eu vi-os passar, os belos rapazes, abatidos no seu brio militar, rangendo os dentes de colera funda, os olhos prateados por uma agua dolorida, por lagrimas de amarga vergonha!

Iam desarmados! privados de todas as honras militares que o vencedor, pelo costume, concede ao vencido!

Iam abrilhantar a parada do bando vitorioso de Dezembro, não como camaradas, soldados do exercito da mesma Patria, mas como vencidos infimos, filhos do Desprezo, filhos doutra mãe infame, como trofeus de vitoria, como os desgraçados que, outrora, os altivos Cezares arrastavam, atrelados, aos seus carros de triunfo!!

Não era tudo ainda! O exilio veio completar o pelourinho. Ah! Nada incomoda mais o bandido que a luz fixa de dois olhos! A obra dos capangas de Dezembro resume-se neste programa: morte, subversão, exilio, carcere, traições! Nisto apenas!

Julgaram que um paiz póde governar-se sem valor e apenas com palavras alinhavadas sem nexo e sem gramatica!

Eu sei, pois alguem mo garantiu, que o ladrão do poder, mascarado de presidente e mais honras, afirmou que preferia entregar *isto* ao estrangeiro que aos democraticos! E' a velha legenda talassa:—«Antes Afonso XIII que Afonso Costa.»

E' a unica obra, tambem, que o bando póde fazer... As baboseiras chatins que esse carateristico matoide tem largado nas suas procissões á custa do orçamento, são um indicio frisante da mais profunda demencia.

Ler e analisar esses traços oratorios é um *encanto!* Verdadeiras obras primas em que a largueza de vistas e a filigrana fraseologica explendem de imbecilidade e bertoldice de palhaços futuristas.

Artista tambem consumado no *metier* o sr. Machado! A maneira esbelta como ele abanca á *távola redonda* da inspiração; o fulgor com que ele *escrebe* aquelas notas monumentais; a gramatica estreme que preside á elaboração escrupulosa daqueles produtos!

Primor no conceito (alto conceito filosofico!), cumulo de visão politica, e arranjo ático no molde!...

Eu não conheço paiz que tenha suportado o imperio de tais doidos.

Doidos e maus! A ausencia absoluta de *senso moral* é um dos primarios sintomas de loucura. Eu aposto com qualquer homem de boa fé se o toitiço destes especimens patologicos tem alguma coisa que se pareça, a cem leguas, com o... *senso moral.*

São doidos e maus!

Eu vou apresentar a V.V. Ex.as, com a serenidade que os meus nervos permitem, um facto extravagante, unico na historia politica de todos os povos modernos, facto que foi divulgado por um monarquico, ha pouco regressado de Elvas, monarquico de bons sentimentos, o que muito me admira, pois que o vi manifestar os mais veementes protestos de indignação contra a barbaridade que presenceou com os seus proprios olhos.

Ha dias foi o sr. *Albougas* a Elvas em viagem de negocios, e aconteceu hospedar-se no *Hotel Central* daquela cidade em que estavam instaladas a esposa e filha do ilustre estadista sr. Dr. Afonso Costa, encerrado por este governo doido e mau no forte militar como garantia de todas as asneiras e reverendissimos crimes que lhes apeteça praticar.

O que presenceou o sr. Albougas é alguma coisa que gela o sangue e vidra os olhos, pela sua monstruosidade, pela sua enormidade inconsciente, pela ambição desenfreada de insensatos, capazes de todas as atrocidades e sacrilegios.

No *Hotel Central* estão, permanentes, dois assalariados verdugos, que se gabam de estar ali para *liquidar* o sr. Afonso Costa, no caso de haver qualquer coisa!!

Isto é simplesmente horroroso e inaudito! E esses verdugos e inconscientes esperam, acintosamente, a presença da familia do grande cidadão, para vociferarem:

—*Aquele só sai dali desfeito ás postas!*

Isto... todos os dias! E' um suplicio verdadeiramente inquisitorial. As duas pobres senhoras levam os dias e as noites a chorar. Espalhai esta afronta a todos os ventos de Portugal! espalhai esta tragedia viva!! E' um paiz de doidos! uma genuina caverna de Caco!!...

[Como é sabido, o grande cidadão Dr. Afonso Costa foi libertado no dia 29 de março de 1918, *sexta feira de paixão!* [no calendario catolico]. Este facto em nada prejudica o significado das palavras antecedentes.

Nos paizes esganados pelo despotismo a opinião marcha como o viandante em região palustre: — devagar e ás apalpadelas.]

NOTAS DISPERSAS

COTEJO

Do artigo de fundo da *Luta* de terça feira, 26 de março de 1918, firmado por Brito Camacho:

> "Junto do automovel, o dr. Antonio Maria Pereira, antigo deputado evolucionista, ergue um *viva á Republica,* o que lhe vale uma reprimenda da autoridade, á qual pregunta, num grande espanto, se dar um *viva á Republica* já é um grito subversivo.„

Dum artigo de V. Hugo, dedicado aos cinco redactores-fundadores do *Rappel*, Paul Meurice, Auguste Vacquerie, Henri Rochefort, Charles Hugo e François Hugo:

> "Um dia [vós deveis lembrar-vos] em 1851, no tempo da Republica, eu estava discursando na tribuna da Assembleia, e disse: *O presidente Luiz Bonaparte conspira!*
>
> Um digno republicano doutrora, que morreu senador, o sr. Vieillard, gritou-me, justamente indignado:
>
> —*Vós sois um infame caluniador!*
>
> Ao que eu respondi com estas palavras insensatas:
>
> —*Eu denuncio um "complot„ que tem por fim o restabelecimento do imperio!*
>
> Em vista disto, o sr. Dupin ameaçou chamar-me á ordem, pena terrivel e merecida. Eu tremia. Tenho, felizmente para mim, a reputação de ser tolo. Isto salvou-me.
>
> —*O sr. V. Hugo não sabe o que diz!* gritou um membro compassivo da maioria. Esta frase indulgente encantou a assembleia. Tudo se apasiguou. Dupin guardou o seu raio na sua algibeira. [E' aí que, voluntariamente, ele metia a sua bandeira. Grande algibeira! Na ocasião ele meter-se-ia dentro, se tivesse podido!] Concordai que eu abusei do direito de réplica, o que deve ser respeitado. Era, de resto, um tempo singular! Estava-se em Republica e um *viva a Republica* era um grito sedicioso...

PARA O MUSEU GERMANOFILO

No *Limoeiro*, para onde me arrastou o crime nefando de ter defendido a Lei, a Republica e a Patria, destinou-me a fatalidade o leito, ainda tépido, dum *espião austriaco*, ao serviço da Alemanha, posto em liberdade algumas horas antes. Este austriaco veio com o sr. Sidonio Pais da Alemanha; é avia-

dor e tem uma historia obscura. Nome: Manuel Pereira Guimarães da Silva. Cautela! Está ao serviço do sr. Machado dos Santos, a quem entregou uma lista com os nomes de todos os presos politicos aqui internados.

Um monarquico, tambem aqui recluso por delito comum, patenteou-me informações que me levam a supôr que o sr. Guimarães é um perigoso espião. Ele escrevia amiudadamente aos srs. Machado Santos e Sidonio Pais, informando-os de tudo quanto observava. Cautela!...

F. A.

Recebi hoje uma carta dum companheiro militar, informando que na Escola de Guerra se toca e canta, em côro, o hino *boche*.

A Escola de Oficiais Milicianos, ha tempo em marcha de instrução na Serra de Monsanto, onde recebeu uma lição pratica de topografia, exibiu, tambem, uma duzia de meninos cantando a letra e musica do hino germanico. Como alguns colegas saíssem da fórma, em sinal de protesto, o oficial comandante interveio e ordenou:

Calem lá a musica! (palavras textuais).

HIPOCRISIA DE CAGAROLAS

A *Manhã* de 28 de março de 1918 noticiava assim o aniversario de Sua Ex.ª o Sr. Presidente da Republica:

DR. BERNARDINO MACHADO

"Passa hoje o aniversario natalicio do nosso ilustre amigo e grande republicano dr. Bernardino Machado. A *Manhã* envia a S. Ex.ª as suas respeitosas saudações.„

Ha destes sorrisos mesquinhos que acabam por um sério rapido e previsto de todas as inteligencias. O palco faz-se tribunal e o proprio bôbo toma assento no juri para julgar o seu delito.

O que parece gentileza é abominação, é miseria.

A *mademoiselle* Derouet e o corifeu Garção agarraram no microscopio para olhar o exilio. Foi um engano! E deram uma esmola! O Astro apareceu ás suas respectivas miopias com o volume do microbio.

Pegai no telescopio e depois no espelho. Um homem daqueles no exilio só por um telescopio! Sondai o espaço imenso entre as duas imagens: a vossa e a *d'Ele!*

O grande Presidente da pequena Republica tornou-se maior ainda; tratai-lo como um compadre *micóbovis* qualquer, num atencioso e curto burrifo de quatro linhas de prosa castrada, isto... quando a sua magnitude e a sua dignificação impõem verso de bronze, prosa de chama, exalando mocidade e revolta, tangendo vigor e verdade!

Hipocritas! Cobardes!

A fotografia desse venerando cidadão, a biografia sonora, honrada e nobre desse grande Presidente, erguido pela Lei e arremessado por bandidos, deveria encher todas as paginas dos jornais republicanos da nossa Patria!

Eu e os meus companheiros de presidio saudamos o cidadão exemplar que uma assembleia legalmente eleita pelo povo legalmente elegeu para presidir á Velha Republica, essa Velha que os traficantes e as espumas cáiam de pó de arroz e borram de carmim para a atirarem ao cio do masmarro varrascão e á concupiscencia de meliantes e traidores, de velhos sodomitas e debochados politicos, e á ninfomania de todas as canastras rapézeiras, donas de virgindades esbeiçadas por vicios secretos e horriveis!!

Eis um lenocinio hediondo!!

Estamos presos e vós estais no exilio, nobre cidadão! Isto não impede que os nossos braços furem estas grades e a nossa alma galgue essas fronteiras para patentear-vos a nossa mais calorosa e fremente saudação, o preito da nossa mais profunda e diuturna estima.

A vontade consciente do povo elevou-vos, nas suas azas de anjo, até ás culminancias respeitaveis e supremas da engrenagem politica da sua organisação estadual. Vós sois, por lei, o pontifice maximo desta religião que se chama o Direito. Os cobardes e os ambiciosos, capitaneados por um mau rancheiro de bordo e por um matematico difuso de curta fama, desembainharam espadas vendidas, espadas alemãs, e impeliram-vos... A Patria está convosco, nobre e veneràndo cidadão! A autoridade é uma ideia. A lei é uma ideia. Na ideia ninguem mexe. A ideia não é susceptivel de exilio ou prisão!

Vós sois o Presidente legal da nossa Republica Velha!

A nossa saudação profunda!

De joelhos, companheiros! — o exilio eleva o Presidente legal até á divindade!! De joelhos! E' a propria democracia que o impõe! O exilio injusto divinisa o Justo.

Viva o Presidente legal da Republica Portuguêsa!!

Morra o salteador do poder!!

F. A.

Um trecho de Felix Pyat

Os tiranos que sabem do seu oficio fazem aos seus subditos o que as crianças fazem ás cerejas: começam pelas mais vermelhas. Eles seguem a boa e antiga lição do seu mestre Tarquinio: abatem as mais altas espigas do campo; instalam-se e manteem-se, assim, excluindo da fórma mais completa a elite dos seus inimigos: matam uns, exilam outros e guardam o resto. Tendo banido a alma, resta-lhes o corpo. Ei-los seguros por vinte anos. A Historia prova que todo o *parvenu* sóbe pela eliminação dos livres e não cai senão pela sua reintegração.

BUSCA

No dia 24 de março de 1918, sob o imperio do ditador Sidonio, o sr. tenente-coronel França Junior ordenou uma busca rigorosa aos quartos de dormir dos prisioneisos politicos internados no Limoeiro.

Ha 16 mezes que se não dá este facto no *Grupo B.*—havendo a notar que estiveram ali conspiradores monarquicos, e os traidores do *Liberal*, autores do execravel *rol de desonra* pago pelo dinheiro alemão.

Em lugar de França Junior, não deveria este senhor director do *Limoeiro* chamar-se Alemanha Junior?

Não houve cama nem mala em que não remexessem as patas dos bufos!

E, afinal, que miopia!

Escapou muito contrabando, muito! Por mim confesso que tenho aqui uma bomba que me acompanha por toda a parte: é a minha cabeça.

F. A.

CAMBIOS

Até que emfim eu vejo um acto logico praticado por este governo: a *posta* criada para o sr. Machado Santos. Isto é o que se chama:—*the right man in the right place*, da velha e democratissima Albion!

Dizem as gazetas: O sr. Machado Santos vai resolver a magna questão dos cambios. Bravo! Nunca para uma necessidade foi escolhida tamanha competencia! A vida desse notavel e vigoroso estadista tem sido completamente dedicada a tal *métier!* Cambios e mais cambios! Como vão os cambios, ó Machado? Estão altos? Um *barra* em economia e finanças! Pois que pensavam?

Os tres contitos anuais! os dez contitos do Banco de Portugal em Vizeu! essa dotação ministerial! que digo eu?

Como está o cambio do talharim, do macarrão e da cebôla?! A lição é boa, mas que tais monstros no-la dessem...

... Andava na serra ...

Todos os jornais da capital anunciaram ha dias:

«*Seguiu para Espanha o sr. João de Deus Guimarães, a fim de realisar um grande emprestimo.*»

Neste entrementes, explude na *Montanha*, do Porto, aquela fenomenal porrada brandida pelo herculeo *biceps* do inegualavel tribuno Alexandre Braga, que a ninguem deixou duvidas sobre a culpabilidade do reu de alta traição.

E imediatamente o governo manda desmentir; «Não, o sr. João de Deus não foi tal a Espanha!»

Quem tem cabeça?

Aplique-se imediatamente o artigo 5.º do Dec. inserto a pag. 25 do n.º 1.º desta obra:

Era e não era andava na serra...

MODÉSTIA

O rancheiro-estadista avistou-se, ha tempos, na Brazileira do Chiado, com o sr. Mariano Martins, deputado democratico e ex-governador civil de Vila Rial.

Travada palestra, interroga o herói:

—Por onde te propões nas proximas eleições, *ó!* Mariano?! (fantasiem o bochecho da importancia interlocutora, ao gargarejar aquele *ó*).

O sr. Mariano Martins, inspirado de dignidade e num aprumo fidalgo de honestidade politica:

—...por onde o meu partido destinar...

—O teu... partido? Oh!... —o teu partido?... *Isso*... já não existe!! Pois tu não vês o aplauso do paiz á minha grande... *OBRA?!*

Pasmai, ó gentes! e dizei se um paiz, por mais devotado que seja ás suas grandes capacidades, lhes póde aplaudir, tão entusiasticamente, o seu obrar...

Achatar narizes: marche!

Uns tristes prosas, pantomineiros dignos da inversão com que a providencia lhes dotou os orgãos, andam, lá por Paris, intentando justificar o cobre germanico que lhes unta as molas.

Eles procuraram o Hotel em que está hospedado o ilustre Comandante da Divisão Naval, sr. Leote do Rego. Alçaram a retranca e anunciaram-se.

Misteriosos, eles recomendaram o hospede á vigilancia da proprietaria... depois de o pintarem como homem de fraca reputação e perigosa presença.

Muito admirada, a dona do Hotel replicou:

—Como, senhores! — o cidadão de que me falais é visitado pelos grandes homens da França...

E AGORA?

Noutro tempo, um chinez em vilegiatura na Etiopia, dava um espirro, cambava dos tizorelhos ou das unhas encravadas, e dizia-se logo: é Afonso! é ele! é a formiga! mata!!

Vinham: —o bacalhoeiro e impingia barbatanas por peixe; o padeiro e mingava o quilo esticando o preço; a geada e requeimava as nabiças; os

coiros e trepavam na bolsa; a batata e sublimava-se no mercado... Zumba! E' Afonso! lá está ele! é a formiga! Lá está a mandibula!

E agora, pôvo? e agora?

—*—

Esta coisa dos *enterrados-vivos* e *mortos vivos* está sendo um filão magnifico, nos vastos jazigos da basbaquice nacional.

Agora até o raio da esturdia que a si propria se beneficia com o epiteto de *governo* (suster o riso...) anda na mesma vida!

—*—

No dia 1 de abril do Ano Tragico, pela 1 hora da tarde, o regimento monarquico de cavalaria 7 percorreu as ruas da baixa de carabinas aperradas aos peitos dos cidadãos.

Não houve alarme de revolta. Nenhuma desordem de gravidade provocou a intervenção terrorista da *quadrilha negra*. Ao resto do Exercito cabe limpar esta nodoa. Estamos em pleno terror branco, preludio duma catastrofe lamentavel.

—*—

Está instalado em Paris um *complot* de monarquicos, ao qual estão agregadas varias mulheres, entre elas uma austriaca suspeita de espionagem.

A imprensa reaccionaria daquela câpital vem sustentando uma pertinaz campanha em prol do monarquismo portuguez. Dessa imprensa salientam-se: — o *Figaro*, o *Gaulois* e *La Croix*.

—*—

Por noticia em giro na imprensa de Lisboa se vê que foi sustado, por ordem do governo, o fabrico de granadas em Portugal. Que duvida existe ácêrca da traição?

—*—

Tem-se notado grande afluencia de alemães á visinha Espanha, onde se está organisando, muito e sucapa, um exercito para atear o incendio russo na peninsula.

João de Deus Guimarães foi á Espanha...

O governo desmentiu este facto verdadeiro, noticiado dias antes. Os motivos deste desmentido encontrâmo-los nós nas revelações estupendas da carta do sr. Dr. Alexandre Braga, a cuja doutrina se replicou com o insulto e nada mais.

Os paizes aliados sabem deste manejo sinistro, e vigiam.

TIPOS E SIMBOLOS

Nesta situação de assalto e aventura repuxam á superficie singulares figuras marcantes. São como um letreiro e uma taboleta: — definem o conteúdo do estabelecimento. São a pustula evidente e sintomatica do tóbido furunculo indefinivel que é a sintese destes cinco mezes de refalsado bandoleirismo politico. Pregá-los pelas orelhas num póste, erguendo-os á luz; é exibir os exemplares tipicos da sordida fauna que se remexe nesta hora a dentro do organismo do Estado republicano.

Começo, pois, a operação necessaria de assoalhar os estafermos, não na esperança de que o sol lhes saneie as pustulas, mas para que todos as observem e vejam, com os atentos olhos de quem procura não esquecer-se.

Este é o Almeida Dias, medico sem escrupulos, tenente-coronel para vergonha dos galões de oficial do exercito..., salafrario emboldriado na lamiça dos negocios escuros. Vende tudo, menos a honra e o brio, que nunca teve. Em pleno parlamento o arguiram de ladrão e é famosa a historia por via da qual o escorraçaram da Companhia dos Caminhos de Ferro.

Um semelhante biltre, comilão de todos os partidos, modelo dos trocatintas, foi atirado pelos aventureiros de dezembro para a directoria do Hospital de Campolide. E como vendido e germanofilo que é, foi seu primeiro cuidado satisfazer o ultimo *amo* que lhe atochou as algibeiras. Havia naquela casa mutilados da guerra. Abandonou-os ás suas feridas e ás suas dôres. Coxos e invalidos, que se retardaram uns minutos além da hora marcada do recolher, sofreram a punição, autenticamente teutonica, de 15 dias de calabouço, alguns dos quais a pão e agua. Assim o malandro se vingou em homens que á sua Patria deram a mocidade, o sangue, o mais alto sacrificio.

Pois o insigne patife é um dos *homens* do momento! Que *momento* e que *homens!*

Arpoêmos agora est'outro — o *Fidelino de Figueiredo* — monarquico, democratico, evolucionista, monarquico depois, camachista a seguir, sidonista por estes tempos mais chegados. Uma verdadeira drogaria politica! A mudança das tintas teve neste bandalho uma unica preocupação: — comer, comer á tripa fôrra.

Pendurado nas abas da casaca de um salteador do Poder, amesendou-se no ministerio da instrução, como chefe de gabinete. E imediatamente, sem intervalo para tomar folego, fez-se doutor, professor dum liceu central, presidente de varias comissões, director das bibliotecas eruditas, dono, senhor, paparreta insaciavel do orçamento.

Um semelhante *esfregão*, besunta se com umas tinturas de criticismo literario, que tem servido apenas para aperitivo desta comilança desaforada.

Pois é tambem um dos personagens da situação!

Pedro da Veiga Fazenda. Conhecem-no? Ninguem o conhece. Arrancaram-no do anonimato onde se achatava, remoido de ambições, e encomendaram-lhe uns frétes de categoria. Era um 3.º oficial duma qualquer repartição. Empoleira se, actualmente, num primeiro oficialato da presidencia da Republica: Comeu pela medida grande.

Mas quem é afinal este patife? Porque é um autentico patife este Fazendas:

Antigo administrador monarquico, roeu-o sempre uma fome canina. Continuamente disposto a alugar-se, ninguem o alquilou, até á hora em que uma quadrilha o tomou a soldo. E' tão insignificante mentalmente, como imenso na pulhice. Por onde passa, desonra. Os lares por onde tem atravessado ficaram enodoados e em lagrimas. Tem no activo de bandoleiro, descendente de bendoleiros, o estupro de crianças e até a morte dos filhos que engendrou pela conquista violenta. Este escarro humano, abominavel e nojento, poisa *dignamente* onde deve estar: ao lado de Cesar, o epileptico e o devasso.

E o *Cameira?*

Não é um homem, é um *ogre*. Devora desde o primeiro minuto. Engole o Estado; engole a propria revolução. Traga a Junta de Credito Publico, a Casa da Moeda, deglute tudo. E' um simbolo. Pendurado na frontaria do regimen, define-o. Quem considerar a taboleta, não hesita em classificar a tenda: — Está em frente duma casa de pasto.

Conspirou contra a Republica, como monarquico. Da Republica se serviu para ganhuça propria. Dos homens da Republica obteve a demora na partida para França, emquanto, na sombra, tramava contra aqueles que lhe estendiam protectora mão. Triunfante a sortida de dezenbro, instalou-se, de faca e garfo, bôca escancarada até á guela, tragando sem cessar. E' o Saint'Arnaud de entremez, estupido e boçal, rançoso, rascante, *apache* de farda, buscando defender a posta, não á naifa, mas á Bonnot: com metralha.

E o Feliciano Costa, o da «Micas de Campanhã»?, o Martinho Nobre de Melo, o da *perola preta?*, o João de Deus Guimarães, o traidor?

A vasa subiu o Terreiro do Paço e invadiu a Republica. Toda uma maré infecta de rebotalho moral:—criminosos, *souteneurs*, espiões, bandalhos, desceu da Rotunda ha cinco mezes e espraiou-se pela Nação, a enxordar tudo, a preverter tudo — a honra dos portuguezes e a vida de Portugal.

Até quando, ó destino implacavel! durará o tragico e angustioso calvario de agonias?

Até quando?

S.

Incidente Manique

Em 16 de março de 1918 publicou a *Republica* a seguinte carta:

Sr. redactor da *Republica:* — Nos tempos da Velha Monarquia, exactamente quando ela caíra na sua fase mais acentuada de reacção, eu fui processado e julgado como homem perigoso ás instituições, no Tribunal Militar de Infantaria 6.

Eu era, então, soldado e a coisa fui muito grave, pois os delitos naquele fôro, atenta a rigidez da disciplina e a precaria situação do regime, desafiavam um rigor penal inexoravel. Agora, quando uma ditadura hipocritamente militar, resfolegando odio por todos os póros, e tomando inconscientemente balanços de quem atira com tudo isto para o charco, percorro ha 11 dias a *Via Sacra* dos presidios mais infames, salpicado por todos os vexames e remoendo, em sêco, as afrontas mais cobardes.

Conspiradores encontrados com armas na mão contra a Republica, foram tratados por nós com mais benevolencia

Logo na noite em que fui preso, á porta da *Brazileira,* pelo motivo da divulgação de um panfleto a cuja doutrina continuo dando todo o meu apoio, fui apresentado, no Governo Civil, aos srs. capitão Pimentel, tenentes Reis e Tamagnini, com quem se travou um diálogo interessantissimo, presenceado por um bando de janizarros vêsgos, diálogo que acho oportuno transmitir aos meus concidadãos para que se vá ajuizando dos propositos dêsse bando que arrebatou o poder a tiros de canhão nos tristes dias de dezembro.

O sr. Pimentel, principalmente, todo pimpão na sua enxundia precoce, exibindo vaidosamente a prôa de uns galões recebidos de presente em *5 de Outubro de 1910,* disse coisas fantasticas, fiado não sei em que basófias curtinhas de miopias que creem ingenuamente na eternidade destas posições do acaso, que em todos os tempos podem facultar-se ás pomposas vacuidades.

Algumas eructações do sr. Pimentel:

— O sr. Afonso Costa tem um *chalet* na Suissa; é um ladrão;

— O sr. Afonso Costa vendeu os soldados portuguezes á Inglaterra;

— A nossa comparticipação na guerra, ao lado dos aliados, é a perda irremediavel da Patria;

— O Sr. Leote do Rego recebeu 40 contos para fazer o *14 de maio;*

— O sr. dr. Antonio José de Almeida é outro malandro como o sr. dr. Afonso Costa;

— Era uma gloria para a Republica a adesão do sr. Paiva Couceiro, o mais valente e heroico dos portuguezes.

Muito mais eructou o sr. Pimentel, sem que a sua farda mudasse de côr. Mas, basta o principal. O meu companheiro de presidio Anibal de Vasconcelos, passou pela mesma tortura moral. Nessa noite fui *empalado* [1] num antro da esquadra das *Monicas,* onde apanhei alguns piolhos que me não pareceram da raça exantematica.

Aí havia um buraco numa pedra, cheio de escremento até ao cimo; não tive mantas para cobrir-me; estava muito frio: de manhã, os meus pulmões segregaram uma expectoração sanguinea.

Durante as 40 horas de incomunicabilidade apareceu lá uma velhota com um côto de vassoura, traçou um retangulo no chão e foi-se: era a limpeza.

Este provincianismo deu margem a varios remoques da critica. Na minha terra diz-se do coelho refugiado na lura: «*Está empalado!*» Saiu naturalmente, sem pretenções classicas.

Minha esposa, acompanhada de duas senhoras amigas foi procurar-me ao Governo Civil. Dirigiram-se a um agente de investigação:

— Queria saber de meu marido, o sr. Fernando de Carvalho Araujo, preso hontem á noite.

O agente:

A senhora mente! a senhora não é esposa desse senhor! a senhora é amante dêle e vive com êle num quarto da Baixa.

Perante a covardia e a pulhice desse miseravel, minha pobre esposa desfez-se em lagrimas. O miseravel... Adeante.

Quando voltamos mais tarde para o calabouço n.º 3 do Governo Civil, aí estivemos misturados com vadios, vigaristas, e criminosos de toda a especie, situação que continua no Limoeiro.

As esposas dos prisioneiros são apalpadas por uma mulher de fraca reputação que se julga no direito de bolsar chacotas da varia especie. A nossa situação de presos politicos, situação que merece o mais delicado tratamento em todos os regimes prisionais do mundo culto, não pode ser peor. Nem jornais nos deixam ler! Assim o destino se serviu de tais monstros para dar-nos uma lição!

Agradecendo a publicação desta sou de v., etc. — *Fernando de Carvalho Araujo.* — Limoeiro — Grupo B.

Devolvido quasi um mez após esta publicação, a *Republica* reeditou espontaneamente, na sua secção *Museu Germanofilo*, um fragmento desta epistola, contendo, especialmente, as aleivosias com que o *intendente geral da policia* alvejou as instituições republicanas e os seus homens.

O sr. *intendente* foi junto da *Republica* e *desmentiu categoricamente* o que me afirmou. A hediondez desta atitude inspirou-me o artigo seguinte:

A' BARRA

Não me surpreendeu o *categorico desmentido* formulado na *Republica* por certo militar que aí tem desempenhado um desgraçadissimo papel de Pina Manique.

Esta disparidade de atitudes ante uma carta publicada ha um mez e um naco da mesma reeditado, ante-ontem, no *Museu Germanofilo*, é mais um facto a comprovar-me a natural e pronta debilidade da farçolice prepotente desse espantalho-afronta que, ha quatro mezes, tem bamboleado a sua prostituição ante o olhar assombrado da consciencia nacional.

O dia de quarta feira passada foi assinalado por dois sintomas consideraveis: o gritinho de Sidonio Pais contra o *boche* (segundo informação do *Seculo*) e o desmentido á segunda edição da minha carta. Mas, note-se: *o rosto é apenas uma mascara; o verdadeiro homem está no interior do homem.* Os fingimentos de serodio pundonôr dissiparam-se á noite. O bandido de Dezembro tem uma predilecção pela sombra: ás 24 h. de ontem preguntava-se: *o que ha?*

O monstro abrira as fauces num esgar sangrento: as mandibulas luziam no escuro: pelotões de soldados a cada esquina; cavalos á desfilada; bufos revistando todos os passageiros dos electricos; a policia vigiando os cafés.

O que ha?

A alma do Crime chama-se remorso. Ao doido que assobia, ao enfermo que delira, á consciencia que se estorce, não se pregunta: *o que ha?*

Deixam-se á vontade e passa-se adiante.

Ao desmentido desse senhor militar eu nada teria que responder se o incidente se desenrolasse ante um tribunal oficial, montado na plenitude das suas engrenagens e empertigado nas suas grosseiras exigencias.

O tribunal! Que tosco instrumento de justiça! Que infinidade de injustiças não passam através as suas malhas! que tremendas iniquidades ele não sanciona?! E então um tribunal presidido pela magistratura portuguezá?! Isso, então, é um céu aberto! Mas adiante.

O caso Pina Manique perante um tribunal oficial terminaria necessariamente pela sua absolvição e pela minha condenação em selos, custas e uma quarentena de fumeiro em qualquer presidio, para meu castigo e exemplo dos mais.

Várias testemunhas assistiram á indecente ejaculação deste senhor militar; seriam, talvez, umas 15. Não haverá tres homens honrados em cada 15 pessoas?

Mas, como? se eram 15 cumplices! alguns dos quais ostentando a mazela de extensos cadastros nos registos criminais?

Apelar para onde? Para os precedentes? Mas, quem me conhece? quantos acreditam aí numa historia contada por um incriminado, tendo por fim mostrar a sua honra e a sua boa-fé? Intimamente eu tenho a certeza de que os meus raros conhecidos dirão: *é verdade!* que os conhecidos dele dirão: *é verdade!* e de que ele proprio se dirá: *é verdade!*

Mas o respeitavel publico não é esta minuscula parcela. E é preciso enfrentar o publico, acometê-lo de fronte erguida e serena, como se faz aos leões.

Que hei de dizer a esse publico? Jurar? De que serve o juramento se ele póde ser proferido pela bôca do santo e do hipocrita?

Podiamos recorrer, em ultima analise, aos depoimentos de todos os presos politicos que teem sido submetidos aos torturantes interrogatorios de Pina Manique. Não gastaria este processo demasiado espaço?

A historia duns galões tambem dá pouco: são dum capitão sem prestigio que em 5 de Outubro tapou com aquela *còdea* as modestas sanguesugas dum sargento muito conhecido na esturdia pingueira.

Ha sargentos honestos e ha condecorações honradas.

Galardões que o gigantesco Napoleão afixou em braços de soldados subiram até ao capitolio da gloria, haurindo o incenso das batalhas.

Outros (e é isto o que vemos!) chafurdam neste lôdo.

Para certas nodoas só as grandes cloacas. Ha cloacas que limpam. Ha quem não póde limpar-se: e afunda-se.

Pois bem! Eu vou constituir agora um tribunal bem singular. Ele será servido por um juri (se bem que o caso o não reclame), juri recrutado entre os proprios esbirros que escutaram Pina Manique, e cuja cabeça de engonços parece já afoitar-se para decidir-se pela fava negra!

Perante este selecto tribunal eu ratifico tudo quanto disse. Basta me a

paradoxal satisfação de ver, não digo já os brios dum oficial, mas a lerdice trapaça dum *manique* plagiario, exposta aos intimos juizos dos seus proprios lacaios.

Os difamadores de profissão, os charlatães espadalhudos que aí atiçam matanças e revoluções, fingindo-se preocupados com este *grande desgraça* para evitarem o *front*, tiveram a solicitude propria de se rodearem de cumplices e encobridores.

Fatalmente ha de acontecer a estes varões o que acontecia aos augures romanos, que não podiam passar uns pelos outros sem se rirem. O preço ignobil desse sigilo é sempre uma indignidade.

Abandono, pois, á propria justiça dos cumplices, o incidente Manique. Prescindo dos seus depoimentos expressos. Eles diriam: *Não!* Eu diria: *Sim!* Faltava um chinelo da regateira virago a decidir o pleito. E' preferivel a scena muda.

Sustentar por muito tempo o salario desse *Não* eis a pena do crime. O montante de 15 salarios não basta para satisfazer as exigencias sempre crescentes de 15 estomagos. 15 estomagos de 15 indignidades são servidos por 30 olhos fitos sobre uma cabeça que vai baixando.

Não haverá um pesadelo a ulular á cabeira destes monstros?

* * *

P. S. — De 15 indignidades baixou para 14.

Agora mesmo, 13 h. deste chuvôso dia de abril (12) um dos agentes que escutaram Manique, deixou cair os braços de assombro e repugnancia pela desfaçatez com que viu desmentir, na *Republica*, o que ouvira com seus proprios ouvidos.

Testemunhas: Anibal de Vasconcelos, Manuel Coelho, e Duarte.

Local: Brazileira.

Nome: não exponho ás féras um homem que se reabilitou.

* * *

Perante esta carta, artigo ou o que pretendam chamar-lhe, a *Republica* falou em dois numeros sucessivos:

Uma questão pessoal

Recebemos uma carta do sr. dr. Fernando de Carvalho Araujo relativamente ás afirmações que nos fez o sr. capitão Lobo Pimentel e de que hontem demos conta aos nossos leitores.

A carta em termos energicos, não a publicaremos, pois que não queremos por este modo agravar esta questão pessoal entre o actual comandante da policia de Lisboa e aquele ex-preso politico.

Consideramos, pois, encerrado o incidente nas colunas desta folha.

12 — 4 — 1918.

ACLARAÇÃO

Da leitura do nosso *suelto* de ontem em que diziamos que, dados os termos energicos em que o sr. dr. Fernando Carvalho Araujo respondia ao desmentido oposto pelo sr. capitão Lobo Pimentel ás afirmações-feitas por aquele cavalheiro numa carta que nos enviára do Limoeiro quando ali esteve preso por motivos politicos, interpretou alguem, ao que nos informam, que nós repudiávamos as declarações do sr. dr. Araujo. Nada disso, pois que, para tal, nenhum motivo tinhamos. O que apenas tivemos em vista foi tão só, dados os termos violentos da carta em que, aliás, o signatario dela mantem firme e integralmente o que firme e anteriormente afirmara, invocando testemunhos, foi exclusivamente não agravar pela publicação da epistola a questão pessoal do sr. dr. Carvalho Araujo com o sr. capitão Pimentel.

Nada mais

13 — 4 — 1918.

Varrida assim a testada da *Republica*, eu espero dos seus casuistas:

1.º — A demonstração do *pessoalismo* que levou a minha carta para o *index;*

2.º — O que entendem os seus literatos por *pessoalismo?!*

Eu reconheço á *Republica* o direito de fechar as suas portas a um elemento importuno; o que eu não posso reconhecer-lhe é a liberdade de confundir tão autoritariamente os factos aqui exarados para subsidio dalgum psiquiatra que mais tarde pretenda analisar a moral da epoca.

* * *

Isto é assunto a resolver entre mim e a *Republica*, cuja atitude cavalheiresca e nobre não deixa de merecer-me a mais profunda reverencia.

F. C. A.

TRAIÇÃO MANIFESTA

Em todos os paizes empenhados na guerra contra a Alemanha foram tomadas as necessarias medidas de precaução contra a obra activa dos traidores. Entre essas medidas sobresai a *censura á imprensa*, capitulo de suprema delicadeza no direito politico, mas que, atenta a gravidade do momento, urgia pôr em imediata execução, sem atender ás astucias das sabatinas teoricas, que, em nome duma fementida devoção pela liberdade, poderiam retorcer as conclusões e capciosamente pô las ao serviço dos seus designios.

A censura foi posta em acção, e isto era absolutamente necessario.

Dezembro e o seu cortejo patibular aí estão depondo em seu abono. Os jornais monarquicos, os jornais transfugas, os jornais germanisados e os que sirandam consoante a moeda esparrinha no balcão, desengonçaram-se em petrolices libertarias, em zumbaias mongólicas ante um bonzo postiço de cabaia serapintada de vermelho e verde, exibindo uma perfida comedia de manhosos pantomineiros.

Os anarcisados maricas da *Manhã*, os almiscarados empatas dessa imprensa miseravel que por aí prostitue as letras e almoeda a consciencia, aconchegam agora a retranca e o albardão que antes repeliam, exalçando o que ontem anatematisavam a bebendo o *colares* que ontem era trampa e veneno.

O assalto de Dezembro fê-los respirar fundo. Eles imparam de regosijo nos seus aspectos dantonisados; e no seu olhar fulgia o prazer duma censura com burzeguins nos pés e anjinhos nos pulsos; dum demagogismo dilacerado em *foie-gras;* dum democratismo desacreditado por mil crimes que o *livro de S. Cipriano* desencantaria nos reconcavos tetricos dos seus arquivos. Vai o *livro de S. Cipriano*... encravou.

Os portões dos carceres estalaram o ultimo suspiro de gonzos, sepultando provisoriamente os *grandissimos ladrões*

O prégador-fantasma, encarnação dos redentores e catões da Republica Nova, deixou a mão do finado sobre a tribuna, mão espalmada num grave *alto ahi!* e... foi-se. Abriu cofres, revolveu papeis, profanou intimidades, invadiu domicilios, revistou algibeiras, dissecou enxergas... e nada! mesmo nada!! Conclusão: difamação, calunia!

A respeito de demegogia é o que se vê!

A respeito de censura é o que se vê!

Supõem os meus leitores que o espaço em branco é aberto por mãos nonestas, por mãos francofilas?!

Os censores da Republica Velha poderiam errar, poderiam, mesmo,

exceder-se no zelo das suas funções. Eu não os exalço: tolero-os. No fundo desse mal havia, porém, o que não ha nos censores da Republica Nova: uma atitude republicana, uns propositos aliadofilos.

Vamos a documentos!

Enviaram para o *Mundo* (15 e 16 do 4.º) estes pedaços de prosa que abaixo reproduzo, pois tive o cuidado de obter as respectivas copias:

ECOS

Os responsaveis?

Mais ou menos veladamente temos lido apreciações relativas ás heroicas tropas portugnesas que estão em França. Censura-se, e com toda a razão, que não tivesse sido convenientemente reforçado o nosso sector, e não só reforçado, mas tambem rendido, na medida do possivel, pois ali se encontram ha muito tempo extenuados os nossos soldados e oficiais, por um serviço duro e diario nas trincheiras. Ao pensar nestas coisas, o nosso coração sangra de dôr! E ao mesmo tempo se pensa que, se o indispensavel reforço e possivel rendição se tivesse efectuado, com certeza que os efeitos do imprevisto ataque alemão ao nosso sector seriam menos mortiferos e desastrosos, comquanto, como é sabido e nem outra coisa era de esperar, as nossas gloriosas tropas se tivessem batido com admiravel bravura. O certo — pelo menos já o vimos afirmar na imprensa, sem desmentido e prova em contrario — é que desde a revolta de dezembro até hoje não foi reforçado o nosso sector. Todos estes factos causaram graves apreensões na opinião publica. Graves, e tão graves, que nem queremos aqui fazer-lhes referencia pormenorizada! Parece que em resposta a tão graves apreensões, já de resto claramente esboçadas num colega insuspeito ao governo, é que um orgão oficioso, a *Situação*, veio explicar que a culpa de não ter sido reforçado convenientemente o nosso sector não cabia ao governo, dando a entender que as responsabilidades pertenciam aos aliados — as missões militares estrangeiras sabiam muito bem os motivos. O caso, com explicação, ficou ainda mais escuro, pois julgamos que, salvo erro, os aliados não tinham nem teem nenhum interesse em ver enfraquecido um determinado ponto da linha de batalha. Do governo, a não ser por traição, diremos o mesmo. Portanto, em nossa opinião, o que é necessario apurar? E' necessrio apurar se foi á incapacidade governativa e á sua insuficiencia que o sector não foi reforçado e rendido, ou se foi a quaisquer inspirações, dos aliados, ou a quaisquer outras circunstancias, que o mesmo facto se deu. Não damos, muito de proposito, caracter nenhum politico a estas observações, porque acima de tudo, de tudo, entenda-se bem, queremos a Patria honrada e a Republica prestigiada. Mas o governo, depois das explicações sibilinas da *Situação*, precisa esclarecer o caso. Exigie-o o paiz. Quais os responsaveis?

Sem mascara

Produziu grande impressão nos meios diplomaticos e no publico, o conhecimento de um artigo publicado no ultimo numero de um dos jornais governamentais, o *Dia*, profundamente desairoso para os Estados Unidos, nação aliada e que tão notavel papel tem desempenhado na guerra contra a Alemanha. De vez em quando *eles* afivelam a mascara, mas como não podem conservá-la muito tempo deixam-na cair. O Sardinha proclamou a necessidade da vitoria da Alemanha; o *Dia* volta-se agora contra os Estados Unidos! Aonde iremos parar todos por culpa destes. . *patriotas?*

Cada vez melhor

Continuam as perseguições. Transferem-se oficiais e sargentos, como se o poder estivesse lidando com carneiros. No exercito vai uma barafunda enorme. Ninguem está seguro, raros são os oficiais e sargentos que não estão arriscados a que, ao acordarem de manhã, lhes entreguem guia de marcha.

A censura limpou estes inofensivos dizeres.

Isto é medonho! E' a traição manifesta e palpavel! traição á Patria, traição á Republica, pois já nem é permitido que um republicano verbere o *Dia* pela sua obra nefasta!

No dia 16, a gazua desses *censores* mentecaptos foi á *Republica* e surripiou o *Museu Germanofilo*, secção nesse dia talhada por um amigo que tambem facultou a respectiva copia a Guilherme Lyra:

MUSEU GERMANOFILO

Mais um documento historico

Cabe hoje a exposição, neste incomparavel Museu, deste "papelinho„, que foi clandestino, posto que profusamente, distribuido em Lisboa e pelo paiz, ao tempo em que os governos da União Sagrada preparavam a nossa cooperação militar na guerra, o que conseguiram através de todas as dificuldades.

PARA A GUERRA? PARA A PENITENCIARIA?

Os partidarios da guerra esforçam-se por enviar gente para o matadouro, oferecendo soldados como coisa propria. O dilema está posto: ou para a GUERRA como grilhetas, ás ordens dos maiores bandidos, os homens honestos e amigos da sua terra; ou para a PENITENCIARIA os quadrilheiros autores de toda esta farça, que encobre roubos.

E' imprescindivel tomar um dos caminhos apontados. AO SEGUNDO, pois.

Os nossos soldados foram para a guerra antes de 5 de dezembro; depois desta data deram entrada na Penitenciaria alguns dos homens públicos que, se tiveram essa responsabilidade, nunca a declinaram.

Foi, pois, satisfeita a vontade dos homens dos... papelinhos.

Agora segue aquele naco do artigo de fundo do *Mundo*, estroncado no dia 17:

Os monarquicos votam no individuo que a si proprio se nomeou e intitulará presidente da Republica, sem respeitar os proprios documentos que assinou como promotor do movimento que serviu para a si proprio se elevar. Vai realisar-se, por consequencia, a eleiçãa presidencial. Em que condições?

Nas seguintes:

A imprensa republicana amordaçada pela censura, que não lhe permite esclarecer muitos assuntos de interesse nacional;

—Os calabouços imundos do governo civil prontos a receber, a toda a hora, os republicanos presos como *suspeitos* de o serem;

—Os republicanos tratados no governo civil por fórma que até aos quartos particulares lhes é impedido recolher;

—As perseguições constantes em vigor;

—Prisões sem culpa formada;

—Republicanos demitidos de lugares que honradamente exerciam;

—A calunia proclamada como unico processo de ataque nas folhas governamentais e nas que, dizendo-se republicanas, tambem apoiam o governo.

Em compensação vê-se:

—que os monarquicos são nomeados para lugares de confiança;

—que são tratados como os melhores amigos da Republica, ao passo que os republicanos são vexados, perseguidos e presos;

—que a reacção clerical campeia livremente, realisando uma obra de fanatismo, que ha de ter as peores consequencias no futuro do paiz;

—que se realisa uma obra preversa de aniquilamento dos principios republicanos e de engrandecimento de poder pessoal;

—que se rasgam as leis fundamentais da Republica, estabelecendo-se um regimen de arbitrio.

Escusam de perseguir ninguem. Os autores da prosa *mutilada* são estranhos ao corpo redactorial dos jornais a que aludo.

O grito da vitima aterra o Bandido Fim de Patria; daqui esta mordaça: a censura.

A Ideia marcha! Quem ha de suster a onda? O protesto vai tomando modulações gigantes. Este recolhimento sinistro do paiz é o ovario duma flôr sangrenta em deliquio de fecundidade: daqui sai a *Revolução*, arranco ultimo duma democracia autentica, que os ventos fortes de erros originarios e doidos aventureiros se esforçam por tombar. Este *Crime* tem as suas raizes nos erros passados. E' um vomito da Historia, vomito dum organismo ainda não habituado ao novo alimento. A Ideia marcha!

* * *

O 17 de abril de 1918 calhou a uma quarta feira. Neste dia e no seguinte todos os jornais da capital trouxeram um espaço em branco. Este espaço não ultrapassava seis centimetros de comprimento. E' uma coisa simples, e principalmente para quem não fôr dotado dum pouco de fantasia.

A's h. desse dia eu atravessei o Rocio. No *placard* do *Seculo* estava afixado este telegrama:

«*Paris, 15.—Os artilheiros inglezes e portuguezes prisioneiros alemães nos ultimos combates foram intimados por estes a voltarem os canhões contra os seus irmãos de armas, ao que se recusaram heroicamente. Isto valeu lhes o fuzilamento.*»

Decorrida uma hora após a afixação deste *placard* nobilitante, a multidão era enorme. Havia lagrimas nos olhos. A colera irrompia dos peitos. Isto não convinha. Era expôr muita gente ás iras duma nação. Esse *placard* foi apagado. A mesma esponja embebida em cuspo boche abriu esta clareira minuscula nos jornais.

Tudo vai bem. *Florian*, comandante dum navio, tinha um papagaio. Os marinheiros ensinaram este papagaio a dizer: «*Isto vai bem!*» Um dia, o navio beijou uma rocha no alto mar e sossobrou. Durante o sinistro o malvado papagaio não cessou de dizer: — *isto vai bem! isto vai bem!*